



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA MAIARA CARVALHO GAMA

RACISMO RECREATIVO: A REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA DO NEGRO EM
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, MUSSUM, O BÊBADO (1979-1989)

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2024

MARIA MAIARA CARVALHO GAMA

RACISMO RECREATIVO: A REPRESENTAÇÃO ESTEREOTIPADA DO NEGRO EM
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, MUSSUM, O BÊBADO (1979-1989)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Me. Carlos Franco Liberato
de Sousa

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2024

AGRADECIMENTOS

Por muito tempo, pensei que eu tinha escolhido a História, mas, no final, entendi que ela me escolheu. Em Eclesiastes, diz que há um tempo certo para cada coisa debaixo do céu, e para mim não foi diferente: Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Esse caminho eu não trilhei só, e aqui quero expressar minha gratidão a todos e a todas que me ajudaram a dividir o fardo e celebrar vitórias e alegrias. Sei que não conseguirei citar todos, mas desde já: gratidão.

Gratidão ao meu Deus, à Virgem Maria, Padre Pio, Papa João Paulo II, e a todos os meus amigos do céu. As orações foram fortes.

Gratidão à minha família, que foi, é e sempre será o meu porto seguro. Gratidão à minha mãe, Marilene, por ter dado sangue e suor por mim durante toda a minha vida, te amo. Gratidão ao meu pai, João Bosco (*in memoriam*), por me incentivar a usar minha inteligência; à minha vó Nezinha (*in memoriam*), essa vitória é nossa, vovó. Obrigada por ter sido alicerce e morada em minha vida.

Gratidão à tia Ninha, tia Mariza e tia Magna, por serem as mulheres da minha vida. Gratidão ao meu primo, Misael, que é minha referência como pessoa. Aos meus primos, Grazy e Rafael, porque sempre me tiraram dos surtos dos estudos e acolheram meus choros.

Na graduação, fiz grandes amizades que levarei para sempre em minha vida; gratidão a todos do grupo “Quinta Série Ruim de 10”. Nós vencemos.

Em especial, quero agradecer à minha amiga Vivi, por ter sido meu apoio, inspiração e uma grande irmã. A graduação foi mais leve porque tive você comigo; te amo. Obrigada à minha amiga Rita, que foi um presente de Deus em minha vida e resposta das minhas orações.

Gratidão à Dagmar e ao João (*in memoriam*), foram mais que padrões, verdadeiros pais para mim, facilitando de todas as formas para que eu estivesse com qualidade em minha formação profissional. Dagmar, essa conquista é nossa. Muito obrigada.

Gratidão a Antônio, porque nunca me negou favores e facilitou as minhas leituras, e à Ida Andrade, que com paciência me ajudou quando mais precisei.

Gratidão a todos os amigos e familiares que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação.

Por fim, agradeço a todos os meus professores e professoras, que foram um canal para minha formação, em especial ao meu orientador, Carlos Liberato, gratidão.

RESUMO

Introdução: Este estudo investiga o personagem Mussum no programa Os Trapalhões (1977-1994), interpretado por um homem negro caracterizado como subalterno, malandro e bêbado, com expressões faciais exageradas e piadas estereotipadas que reforçam preconceitos. Segundo Carrico (2020), Mussum tornou-se popular, mas sua representação consolidava estereótipos, refletindo o racismo recreativo que normaliza a exclusão racial através do humor. **Objetivos:** A pesquisa visa realizar uma análise fílmica da estereotipação racial em Mussum, buscando identificar atributos depreciativos do personagem e questionar como o humor contribui para a manutenção de uma ordem racial desigual. Objetivos específicos incluem: identificar os estereótipos nos episódios, analisar a persistência desses estereótipos e ampliar o debate sobre o racismo recreativo na mídia. **Quadro Metodológico:** Adotando análise qualitativa, o estudo selecionou esquetes de Os Trapalhões disponíveis no YouTube, permitindo uma amostra acessível e variada para análise crítica das representações midiáticas do personagem. **Resultados:** A análise dos episódios "Os Mecânicos" e "Mussum Frango de Macumba" revela que o racismo recreativo embasa o humor, reforçando estereótipos depreciativos como a associação entre Mussum e termos racistas. Essas representações humorísticas sustentam hierarquias raciais naturalizadas. **Considerações Finais:** O estudo critica a persistência de estereótipos negativos como o uso da imagem de descontrole e malandragem, que marginalizam negros na mídia. Destaca-se a necessidade de uma reavaliação crítica de produções audiovisuais para promover representações mais inclusivas, que não perpetuem desigualdades raciais.

Palavras-chave: racismo recreativo; racismo estrutural; programa de humor; Os Trapalhões.

ABSTRACT

Introduction: This study investigates the character Mussum in the TV show Os Trapalhões (1977-1994), played by a black man characterized as subaltern, naughty and drunk, with exaggerated facial expressions and stereotyped jokes that reinforce prejudices. According to Carrico (2020), Mussum became popular, but his representation consolidated stereotypes, reflecting recreational racism that normalizes racial exclusion through humour. **Objectives:** The research aims to carry out a filmic analysis of racial stereotyping in Mussum, seeking to identify derogatory attributes of the character and question how humor contributes to the maintenance of an unequal racial order. Specific objectives include: identifying the stereotypes in the episodes, analyzing the persistence of these stereotypes and broadening the debate on recreational racism in the media. **Methodological Framework:** Adopting qualitative analysis, the study selected sketches from Os Trapalhões available on YouTube, allowing an accessible and varied sample for critical analysis of media representations of the character. **Results:** Analysis of the episodes “Os Mecânicos” and “Mussum Frango de Macumba” reveals that recreational racism underpins the humor, reinforcing derogatory stereotypes such as the association between Mussum and racist terms. These humorous representations sustain naturalized racial hierarchies. **Final considerations:** The study criticizes the persistence of negative stereotypes, such as the use of the image of being uncontrolled and naughty.

Keywords: recreational racism; structural racism; humor program; Os Trapalhões.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 DO RACISMO ESTRUTURAL AO RACISMO RECREATIVO E A FORMAÇÃO DA HISTÓRIA CULTURAL BRASILEIRA.....	8
2.1 Racismo Estrutural.....	9
2.2 Racismo Recreativo.....	10
2.3 História Cultural.....	12
3 QUADRO METODOLÓGICO.....	15
4 MUSSUM: O RETRATO DO RACISMO RECREATIVO BRASILEIRO.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

A representação do negro nas produções humorísticas brasileiras está intrinsecamente ligada a uma série de estereótipos e práticas discriminatórias que, sob o manto do entretenimento, reforçam estruturas racistas. O personagem Mussum, interpretado pelo comediante Antônio Carlos Bernardes Gomes no grupo *Os Trapalhões*, tornou-se um ícone na cultura popular brasileira, tanto pela sua popularidade quanto pelas caricaturas que encarnava.

No entanto, a análise crítica desse personagem revela camadas profundas de racismo estrutural e recreativo que, ainda que possam ser naturalizadas pela audiência, carregam efeitos simbólicos e reais na construção social da identidade negra no Brasil. O conceito de racismo recreativo, desenvolvido por Adilson Moreira (2019), destaca como práticas aparentemente inofensivas, como o humor, colaboram para a normalização da discriminação e reforçam estereótipos negativos, perpetuando a marginalização do negro na sociedade.

O personagem recebeu esse nome por Grande Otelo, que atribuiu a Antônio as características de um peixe preto e liso (escorregadio). Segundo ele, Mussum saía de conversas problemáticas de forma rápida e despercebida.

Mussum representava nos Trapalhões o personagem de um homem negro subalterno, que vivia bêbado, caracterizado como um malandro e vagabundo. Fazia diversas formas de expressões no rosto para tornar sua atuação mais sensível ao riso. Sempre apressado, com gingas, fome, piadas racistas e falando mussunguês, era dessa forma que a identidade de Mussum se legitimava (Carrico, 2020). Seu papel colaborou para que o programa *Os Trapalhões* (1977-1994) torna-se líder em audiência na Rede Globo.

Na obra de André Carrico (2020), o autor discute o papel de Mussum na televisão e suas implicações para o imaginário popular acerca dos negros no Brasil. Segundo Carrico (2020), a figura do comediante, embora amplamente querida e famosa, é alicerçada em uma fórmula que reforça preconceitos e minimiza a relevância das questões raciais, transformando aspectos depreciativos em componentes centrais da sua identidade cômica.

A crítica ao racismo recreativo, portanto, demanda um olhar atento para as representações midiáticas e os efeitos que estas têm na perpetuação da exclusão e da inferiorização de grupos raciais, uma vez que, ao consolidar estereótipos como atributos inofensivos, o humor contribui para a manutenção de uma ordem racial desigual.

A concepção de racismo recreativo se fundamenta na noção de que, ao serem apresentados de maneira cômica, os estereótipos raciais passam a ser aceitos, subestimando o

impacto psicológico e social da discriminação. A teoria de Moreira (2019) propõe que, ao se esconderem sob o pretexto do humor e da “brincadeira”, discursos de opressão ganham uma legitimidade implícita, dificultando a sua contestação.

Nesse sentido, o personagem Mussum exemplifica essa problemática, sendo retratado de forma a reduzir a complexidade da identidade negra a aspectos como a suposta preguiça, a dificuldade de falar o português formal, a associação com o alcoolismo, baixo intelecto e incapacidade de viver em uma sociedade organizada.

Essas representações não apenas banalizam estereótipos negativos, mas também contribuem para a aceitação da subordinação racial como uma característica naturalizada e inofensiva do entretenimento. Onde enfatiza que, esses personagens humorísticos da televisão não apenas reforçam a valorização da branquitude, ao colocar a negritude em uma posição de inferioridade, mas também contribuem para a difusão e naturalização do racismo recreativo, legitimado pela ideia da cordialidade brasileira (Moreira, 2019).

Diante do exposto, este estudo propõe-se a investigar as consequências do racismo recreativo e da estereotipação presentes no personagem Mussum, problematizando a aceitação do humor como um instrumento “neutro” de entretenimento. A questão que se coloca é: **quais as consequências da estereotipação e racismo recreativo nas produções audiovisuais do personagem Mussum?**

Este artigo tem como objetivo geral: realizar uma análise fílmica sobre a representação estereotipada do personagem Mussum com base no racismo recreativo. No qual os objetivos específicos são: Identificar as características e estereótipos aos quais o personagem era submetido nos episódios analisados; analisar como a representação estereotipada dos negros persiste oculta, embora de maneira atenuada nesses episódios e Ampliar o debate sobre o combate ao racismo recreativo nas produções audiovisuais brasileiras.

Formulando-se como hipótese que a representação de Mussum em Os Trapalhões está diretamente ligada ao racismo recreativo, que, além de ser utilizado para estereotipar grupos, projeta comportamentos e valores inferiorizados sobre minorias, servindo ainda para idealizar os lugares que esses grupos devem ocupar. Além disso, a piada racista traz uma naturalidade na condição de inferioridade do negro na sociedade. Esses fatores colaboram para a legitimidade da marginalização racial e a perpetuação do racismo.

2 DO RACISMO ESTRUTURAL AO RACISMO RECREATIVO E A FORMAÇÃO DA HISTÓRIA CULTURAL BRASILEIRA

Comumente apontado como racismo, o preconceito étnico detém um conceito próximo, porém ainda divergente. Segundo Marcus Lima e Jorge Vala (2004), enquanto o preconceito étnico, conforme definido por Allport em 1954, envolve uma antipatia baseada em generalizações falhas e inflexíveis, o racismo vai além de uma simples atitude, configurando-se como um processo de hierarquização e exclusão. Esse processo discrimina indivíduos ou grupos sociais inteiros que são definidos como diferentes com base em características físicas externas, que são, por sua vez, reinterpretadas em termos de traços culturais internos que estigmatizam e delimitam comportamentos, perpetuando estereótipos e desigualdades.

Cida Bento (2022) em seu livro *O pacto da branquitude* trata sobre a liderança branca que assume o poder em nossa sociedade. A branquitude tem liderado o papel de detentora dos lugares de privilégios desde os tempos da escravidão, excluindo assim os que não fazem parte desse grupo, deixando aqui destacada grande parte do povo negro.

Esse pacto narcísico naturaliza o branco como lugar de comando, de saber e de poder. Adquirem assim o privilégio econômico, social e político. Fora do grupo da branquitude, os demais estarão excluídos e indignos de posições privilegiadas. As pessoas brancas no poder têm nas mãos a autonomia de decisões sobre nosso país, decisões essas que perpetuam a meritocracia branca e, conseqüentemente, e intencionalmente, a subalternização do negro.

Nesse sentido, a autora aponta que:

Essa herança tem também sua dimensão simbólica, fazendo com que o perfil daqueles que lideram as organizações, que é masculino e majoritariamente branco, esteja sempre bem representado nos meios de comunicação, o que mantém um imaginário que favorece sua permanência em lugares da sociedade considerados mais prestigiados, bem como propicia a naturalização de outros grupos em posição de subordinação e desqualificação (Bento, 2022. p.50).

O autor aponta como a representação simbólica de líderes masculinos e majoritariamente brancos nos meios de comunicação reforça um imaginário social que legitima sua posição de prestígio. Esse fenômeno contribui para a naturalização da subordinação e desqualificação de outros grupos, especialmente aqueles racializados, perdurando um ciclo de exclusão e discriminação.

O racismo, nesse contexto, não se manifesta apenas por ações explícitas, mas também pela manutenção de estereótipos e pela invisibilização de grupos não-brancos, que são sistematicamente marginalizados e excluídos dos espaços de poder e influência. Essa dinâmica reflete como o racismo está enraizado nas estruturas sociais, promovendo e sustentando desigualdades que vão além do indivíduo, operando de maneira sistêmica e institucional.

2.1 Racismo Estrutural

Silvio Almeida (2019) atribui ao racismo três concepções: individualista, institucional e estrutural. A primeira se relaciona com o racismo e a subjetividade; a segunda com racismo e Estado; e a terceira com racismo e economia. O racismo é uma construção social complexa, que perpassa o nível individual. Através dessa análise, o autor examina a perpetuação das desigualdades raciais de forma sistemática pelas instituições.

No livro *Racismo Estrutural* de Almeida (2019, p. 28), ele fala que:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Desta forma, há manifestação do racismo no campo econômico quando os privilégios se destinam aos grupos raciais dominantes, e as minorias saem afetadas. Essa exclusão econômica é um processo histórico que continua influenciando diretamente na marginalização dos grupos minoritários, impossibilitando acesso a oportunidades de ascender financeiramente e de ter acesso à renda e riquezas.

Desde a abolição da escravidão, a população negra não teve assistência, integração social, ou algum tipo de reparo para que fosse inserida de forma digna na sociedade. Atualmente, a exclusão tem uma extensão no campo empregatício, educacional e de acesso à saúde. Esses fatores influenciam diretamente na posição social que negros e brancos ocupam na sociedade.

2.2 Racismo Recreativo

O racismo recreativo é uma das roupagens do racismo que tem como objetivo um projeto de dominação que, assim como em outros momentos da história, buscou legitimar o lugar subalterno dos negros e outros grupos minoritários, e afirmar que as pessoas brancas são referências culturais, estéticas, morais e outros atributos que as validam em lugares superiores.

Os meios de comunicação, aqui destacando a TV e o cinema, têm sido canal para a propagação de representação da negritude. Assim, Moreira (2019), destaca que as imagens produzidas nos meios de comunicação propagam estereótipos sobre grupos raciais. Almeida (2019, p. 43) ainda diz que “Por certo, o folclore, os “lugares-comuns”, os “chistes”, as piadas e os misticismos, são importantes veículos de propagação do racismo, pois é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social”.

Sendo o humor considerado como meio para descontração e recreação, sua hostilidade é encoberta e não vista pela ótica do racismo. E, como assegura Adilson Moreira (2019, p. 24) “Esse tipo de marginalização tem o mesmo objetivo de outras formas de racismo: legitimar hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira de forma que oportunidades sociais permaneçam nas mãos de pessoas brancas.”

O racismo disfarçado no humor tem se consolidado na sociedade brasileira. Além das piadas feitas entre uma pessoa e outra, as produções audiovisuais com piadas racistas têm assumido palco na mídia brasileira. O riso, resultante de uma piada racista, é acompanhado de uma ambiguidade, isso possibilita a consolidação e encobrimento do racismo. O tom jocoso nessas expressões disfarça a urgência de uma crítica sobre o que se tornou risível (Dahia, 2008).

Dessa forma, a autora confirma que:

No Brasil, o riso pode ser apontado como uma via frequente e significativa de expressões e consolidação do racismo, uma das muitas facetas do “racismo à brasileira” que se manifesta como reverberação do relato da piada racista em espaços sociais de lazer, nos quais grupos liberam e partilham seu preconceito sobre negros dentro de uma cultura que não assume posições claras na questão racial (Dahia, 2008, p. 699).

Sendo o humor considerado como meio para descontração e recreação, sua hostilidade é encoberta e não vista pela ótica do racismo. E, como assegura o jurista Moreira (2019, p. 24) “Esse tipo de marginalização tem o mesmo objetivo de outras formas de racismo: legitimar

hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira de forma que oportunidades sociais permaneçam nas mãos de pessoas brancas”.

Segundo Araújo (2022), o racismo recreativo pode ser compreendido como uma política cultural que, indiretamente, contribui para a manutenção de arranjos sociais que marginalizam minorias raciais. Além disso, ele perpetua estereótipos negativos que estão presentes em outros mecanismos que visam à discriminação dessas minorias.

Para D'Almeida (2013), o estereótipo serve como a principal estratégia do discurso colonial, funcionando como uma forma de representação que gera conhecimento e promove uma identificação ambivalente. Essa ambivalência, por sua vez, é essencial para a produtividade na construção da alteridade do sujeito colonial, em que o objeto de desejo é simultaneamente alvo de repulsa, no qual o autor ainda destaca que “O sujeito negro, ao aceitar o seu reconhecimento através do estereótipo, torna real o mito da diferença subalterna, confirmando a eficácia da vigilância que o olhar do outro representa” (D’Almeida, 2013, p. 17).

O racismo recreativo, por ser uma das várias formas de opressão racial, tem consequências ligadas diretamente às minorias. Essas consequências se relacionam tanto no campo social, como no físico e psíquico das pessoas que sofrem com o racismo. Dessa forma, a relevância desse estudo se dá através da perspectiva de conscientização e compreensão sobre as camuflagens do racismo que perpassam o sentido de piadas ofensivas, mas que são puramente um discurso de ódio. A ampliação do conhecimento sobre a forma velada do racismo nas piadas tem como objetivo a desconstrução de práticas e perpetuação da forma estereotipada e marginalizada contra a comunidade negra.

A população negra está em sua maioria na colocação mais baixa da pirâmide social, automaticamente os brancos estão na posição mais alta das hierarquias. O racismo recreativo tem parte nesse processo de desigualdade e legitimação de inferioridade do negro, porque, em sua forma sorrateira de ser, propaga estereótipos derogatórios que criam no imaginário social a incapacidade moral e intelectual do negro na sociedade.

O racismo, enquanto determinante social de saúde, segundo Eduarda Barone *et al.* (2018), é um fator significativo na produção de iniquidades e uma prática criminosa frequentemente relativizada pela sociedade, especialmente quando associada a piadas e produções culturais que promovem descontração. Essa prática, conhecida como racismo recreativo, utiliza o humor como ferramenta para ridicularizar pessoas negras, o que, deve ser

compreendido como um projeto de dominação que perpetua relações de poder assimétricas entre grupos raciais, utilizando o humor para expressar e disfarçar hostilidade racial.

De acordo com Sandra Dahia (2008, p. 705)

Tornar alguém ou algo risível é destitui-lo de poder, é enfraquecê-lo, é infantilizado. Do ponto de vista legal, a criança é vista como incapaz; portanto, depende de um responsável para gerir sua vida nos mais diversos setores. No contexto da piada racista, essa mesma lógica interpretativa é deslocada para a figura do negro, que, tal como a criança, é reduzido a uma condição de inferioridade ante o seu gestor: o branco.

Dessa forma, a piada racista serve como uma das várias formas de marginalização e inferiorização do negro e outras minorias, destituindo-os como agentes sociais competentes e dignos de respeito e lugar no corpo social. A piada é risível porque está atrelada a uma mensagem que faz sentido para aqueles que estão rindo. E como afirma Brandes (1992, p. 174 *apud* Propp, 1992), “nenhuma perfeição jamais suscita o riso”. Assim, a piada racista é um produto político e cultural que busca, através do tom jocoso, disfarçar suas reais intenções e estender a visão inferiorizada da negritude.

2.3 História Cultural

O campo cultural é amplo e disponibiliza muitos objetos que podem receber notoriedade e inserção no campo das ciências. Dessa forma, o objeto da História Cultural tem como propósito identificar como, em diferentes tempos e espaços, são construídas, pensadas, dadas e lidas, determinadas realidades sociais.

Somando-se a isso, as representações do mundo social, estão relacionadas aos interesses dos que a forjam. As representações são moldadas conforme os grupos que estão no poder dessas produções e têm como influência, as ideologias, relações de poder e práticas culturais de acordo com cada época. Essas construções culturais são canais para entender como as pessoas visualizam, entendem e interagem com o mundo. A partir disso, através da análise de produções culturais, é possível questionar as criações e propagações das representações que se formam no imaginário coletivo. (Chartier, 1990).

A História Cultural ganhou maior visibilidade no século XX. Segundo José D’Assunção Barros (2005), na modernidade, surgem novas formas de analisar e interpretar o mundo no campo historiográfico, abrangem-se os objetos de pesquisa e assim aumentam-se as ferramentas de estudo para o historiador. As produções culturais seguem o viés de práticas e

representações, onde produções culturais têm o intuito de moldar padrões de caráter e determinar repertórios.

Barros (2005, p. 11) em seu livro “A História Cultural Francesa”: Caminhos de Investigação, convalida que:

As noções complementares de “prática e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes.

Analisar as representações no campo cultural é válido para compreender os mecanismos utilizados por grupos para impor ou tentar impor suas concepções de mundo social, valores e domínio (Chartier, 1990). Nesse sentido, os símbolos utilizados para formar representações, no contexto do racismo recreativo, são atribuídos a *Mussum*, características marginalizadas, que para um sujeito digno de respeito e lugar adequado na sociedade não são associadas. As características simbólicas atreladas ao alcoolismo, sexualidade desregrada, animalização, ignorância e às piadas racistas forjam a inutilidade das pessoas negras no âmbito social, legitimada nas produções cinematográficas.

O cinema tem disso grande propagador cultural na sociedade, dessa forma, ele se torna uma das ferramentas de análise historiográfica, servindo como fonte inesgotável para o trabalho do historiador, viabilizando pesquisas sobre relação de poder e influências difundidas através de suas produções. Isso posto, José D’Assunção Barros (2014, p. 24) enfatiza:

[...] as fontes associadas ao Cinema podem ser analisadas tanto como documentação importante para compreensão dos mecanismos e processos de dominação, como também podem ser encaradas como documentação significativa que traz e revela dentro de si as múltiplas formas de resistência (...) e os variados padrões de representação associados a uma sociedade.

Com as mudanças ocorridas através da *Escola dos Annales*, muitas possibilidades para o estudo histórico foram ganhando visibilidade e espaço. Dessa forma, a análise fílmica, tem feito parte e se somado à ciência histórica. Para a análise fílmica são necessárias explicações esclarecedoras sobre o desenvolvimento e interpretações do filme em questão. Segundo (Vanoye, 1994), as etapas para análise estão associadas a descrever e interpretar o filme. A crítica fílmica, no entanto, vai para o campo avaliativo, que, para Manuela Penafria (2009), se

trata de atribuir um valor a determinada produção, para levantamento de problemáticas, como a relevância pertinente sobre algum tema.

Ao analisar um filme, fictício ou não, para Gêisa Fernandes D'Oliveira e Waldomiro Vergueiro (2011), sempre será possível fazer uma leitura sócio-histórica. As produções têm ligação com algo relacionado à sociedade que as produziu. Sendo observáveis as relações de poder, bem como as interpretações de mundo e escolhas culturais. O autor ainda respalda que as fontes filmicas revelam representações, imaginários e outras formas de pensamento atrelado ao mundo das ideias. São dispostos, ainda, comportamentos, hierarquias sociais e demais enfoques de uma sociedade.

Perscrutando de um modo geral os personagens dos trapalhões, percebe-se que cada componente tem características representativas (Oliveira; Vergueiro, 2011), destaca que Mussum tem diversos estereótipos, destacando o gosto pela cachaça, o modo de falar com gírias e expressões peculiares, gosto pela música e cachaça. As características associadas ao malandro de morro, executando tarefas com grau de qualificação baixo e esforço para evadir-se do trabalho, reforçam o imaginário nacional.

O imaginário nacional, quando reforçado por estereótipos retratados em produções audiovisuais sobre os negros, solidifica o racismo no Brasil. As representações são constituídas através de valores, símbolos e ideias, o que viabiliza a estruturação e construção da identidade de uma nação, e o modo como as pessoas interpretam o mundo e se veem nele.

A estereotipação negativa tem ganhado uma nova roupagem, agora, aparentemente positiva. Facultando aos negros como musicais, naturalmente fortes, entre outros. Embora a estereotipação negativa ainda exista, as expressões mais evidentes começaram a se tornar veladas. Estudos feitos a partir da análise da estereotipia dos negros revelaram que os brancos são considerados mais inteligentes que outras pessoas do Brasil, de forma particular, os negros (Lima; Leite, 2021).

Para João Gabriel Aguiar Ferraz Mattos (2021), a associação de imagem positiva esgotada do negro, restrita a músicas, esporte e sexualização do corpo, é insolente e implica no apagamento da cultura de um povo e também em suas limitações quanto ao seu lugar na sociedade. A consequência dessa visão reducionista implica diretamente onde o negro ocupa e permanece no corpo social.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2005), as representações são uma das camadas da cultura, elas agem para além do que diz e mostra, trazendo sentidos ocultos. Valores e visualizações de mundo são construídos social e historicamente, se internalizam no

inconsciente grupal, comunitário e esvaziam o sentido de reflexão, por se apresentarem como natural, comum e verdadeiro. As representações estão inseridas no contexto de poder, onde há lutas de forças para definir os valores. Os que ditam, e têm poder simbólico de construir representações e estabelecê-las no imaginário coletivo, têm controle sobre a vida social.

3 QUADRO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento da pesquisa em questão, adotou-se a tipologia documental para o procedimento de coleta de dados, e os objetivos descritivos e a análise qualitativa para apresentação dos resultados.

Segundo Antônio Carlos Gil (2002), os objetivos descritivos em uma pesquisa têm a função de descrever as características de determinada população ou fenômeno. Esse tipo de pesquisa é utilizado para delinear, caracterizar e observar os fatos, procurando estabelecer a natureza das condições existentes. O autor ainda destaca que os objetivos descritivos buscam responder a perguntas como "o que é?" e "Como é?", sem se preocupar em explicar o porquê dos fenômenos observados (Gil, 2002). Além disso, os objetivos descritivos são essenciais para fornecer um entendimento profundo e abrangente do objeto de estudo, possibilitando a identificação de padrões e tendências.

Para Sylvia Constant Vergara (2006), a análise qualitativa é um processo de exame e interpretação detalhada dos dados não numéricos, com o objetivo de compreender fenômenos complexos em seu contexto natural. A autora ainda enfatiza que essa abordagem busca captar a essência das experiências, perspectivas e significados atribuídos pelos participantes ao objeto de estudo (Vergara, 2006). Sendo um processo interpretativo e contextual que visa à compreensão profunda de fenômenos complexos através da exploração dos significados e experiências dos indivíduos envolvidos.

O estudo documental, segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2017), é uma técnica de pesquisa que utiliza fontes documentais como principal material para análise. No qual se adotou o processo consolidado pelos autores, que, consiste na seleção das fontes, a classificação e avaliação dos documentos, a análise do documento, a interpretação dos dados e por fim a conclusão.

Estas fontes podem ser diversas, como livros, artigos, relatórios, documentos oficiais, estatísticas, cartas, diários, entre outros. Neste caso, foram utilizados esquetes do Programa de TV Os Trapalhões, que segundo Ana Cristina Carmelino (2015, p. 21), trata-se de “cenas de

curta duração, geralmente de caráter cômico, produzidas para teatro, rádio, cinema, televisão e Internet – mesclam em sua constituição diferentes linguagens”.

Dessa forma, caracterizando uma pesquisa documental de análise fílmica, que se trata de um método interpretativo segundo Neli Fabiane Mombelli e Cássio dos Santos Tomaim (2014), onde os autores indicam que deve considerar elementos internos como a linguagem audiovisual, e externos como a temporalidade, sendo necessário considerar o contexto social, cultural e econômico em que foi produzido o material gráfico. Éderson Cabral e Vera Lúcia Pires (2018) abordam esse tipo de análise a partir da transcrição do conteúdo do esquete.

Para escrever este artigo, será utilizado o recorte metodológico da História Cultural atrelado à pesquisa bibliográfica. Essa pesquisa tem como recorte temporal os anos iniciais do programa, na TV Globo, especificamente (1979-1980). Nessa época, o Brasil estava passando pelo período da Ditadura Militar. Segundo Edson Rodrigues Cavalcante (2023), o entretenimento que *Os Trapalhões* gerava, fugia da censura do governo e evitava possíveis críticas, já que faziam piadas com diversos temas, mas nada direta ou indiretamente contra o governo militar.

Já o recorte espacial tratou-se de verificar somente o personagem e as ações voltadas para o personagem Mussum, com relação aos outros personagens envolvidos no programa.

Os procedimentos metodológicos atenderam ao modelo proposto por Lakatos e Marconi (2017), através da seleção das fontes, sendo essa a separação dos esquetes que integraram a coleta de dados; a classificação e avaliação dos esquetes, indicando sua fonte e referência, tamanho, informações de edição e autoria, bem como a aparição do objeto de estudo; a análise do documento, identificando a situação dos trechos nos quais o personagem esteve presente; a interpretação da situação na qual o personagem interage e por fim, a conclusão acerca da situação apresentada.

Os Trapalhões foi um programa humorístico de TV que, depois de ter passado por algumas emissoras, se consolidou na TV Globo a partir de 1977. Composto por quatro personagens, três homens brancos e um homem negro, o grupo não se formou espontaneamente, mas com um intuito: inserir um homem negro para tornar as piadas mais engraçadas. Essa inserção se deu inspirada nos programas dos EUA, onde personagens negros faziam sucesso na TV. Haja vista, a representação do negro subalternizado, animalizado e intelectualmente desprovido, era canal para o entretenimento (Cavalcante, 2023).

A coleta dos dados foi realizada por meio da análise de dois esquetes de episódios do programa de TV *Os Trapalhões*, recuperados em plataformas digitais como o YouTube. Esses

materiais estão disponíveis ao público de forma aberta, permitindo o acesso irrestrito aos conteúdos. A escolha dessa plataforma se justifica pela vasta quantidade de episódios arquivados, garantindo uma amostragem representativa e diversificada do programa para análise.

4 MUSSUM: O RETRATO DO RACISMO RECREATIVO BRASILEIRO

No esquete “Os Mecânicos” da série humorística Os Trapalhões, disponível na plataforma YouTube¹, Dedé, Mussum e Zacarias interpretam mecânicos em uma oficina, em um clipe de curta duração (17 segundos). A construção cômica da cena baseia-se no uso de um mal-entendido envolvendo o termo "macaco", que, em contextos de mecânica, refere-se a uma ferramenta usada para levantar veículos. A narrativa se desenvolve a partir da interação entre Dedé e Zacarias, quando Dedé pergunta repetidamente "cadê o macaco?" e "macaco tá aí?", gerando a expectativa de que ele busca pela ferramenta.

A resposta ao questionamento ocorre de forma humorística quando Mussum surge em cena, interpretando a fala de Dedé como uma chamada direta a ele. Ao se abaixar e gritar "macaco" em tom de busca, Dedé provoca a entrada de Mussum, que aparece debaixo do carro e, revoltado, identifica-se como se a fala fosse um insulto. O humor da cena reside no jogo linguístico que explora o duplo sentido, criando um conflito interpretativo entre os personagens e proporcionando ao público um momento cômico que reflete tanto as dinâmicas de relação entre os personagens quanto a habilidade dos atores em utilizar o mal-entendido para gerar humor.

A cena em questão exemplifica um aspecto do chamado racismo recreativo, no qual o humor opera como veículo de estereótipos depreciativos, reforçando a hierarquia social que subalterniza os negros. De acordo com Chartier (1990), as representações veiculadas na mídia estão associadas aos interesses de grupos sociais dominantes, forjadas com a intenção de legitimar desigualdades e marginalizar determinados grupos.

No caso do esquete, o uso do termo "macaco" como referência indireta a Mussum provoca um riso que oculta uma camada de discriminação racial. Esse humor, camuflado como simples descontração, reforça o lugar subalterno do personagem negro ao associá-lo a um animal, perpetuando estereótipos e naturalizando um imaginário social que inferioriza as pessoas negras.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IbMszBC6r8>. Acesso em: 27 out. 2024.

Essa abordagem humorística, que parece inofensiva, contribui para a desumanização do personagem negro e é uma expressão do que Dahia (2008) identifica como “racismo à brasileira”, onde o riso torna-se um instrumento de consolidação da marginalização. A comicidade, assim, encobre as intenções subjacentes do humor racista, que consistem em ridicularizar e enfraquecer a figura do negro, como afirma Dahia, ao “torná-lo risível” e, portanto, socialmente inferior. Sob essa ótica, o riso é uma forma de legitimar a hierarquia racial, na qual a população branca se posiciona como referência estética e moral. O humor, ao promover essa visão, reflete e reforça um discurso de dominação e perpetuação de hierarquias raciais, colaborando para a marginalização das minorias dentro da estrutura social brasileira.

O segundo esquete, refere-se ao episódio de Os Trapalhões, intitulado "Mussum Frango de Macumba", também disponível na plataforma YouTube², em um clipe de curta duração (43 segundos). Mussum, personagem negro, ao vestir-se de mulher e mencionar que sua pele era “escuris”, “gordurosis” e que os homens o chamavam de “criolis”, é inserido em uma narrativa que reforça a marginalização e a inferiorização dos negros através da associação de sua cor de pele com características negativas.

A cena apresenta uma clara manifestação do racismo estrutural e recreativo ao se utilizar de estereótipos raciais e linguísticos em suas piadas. A análise deste quadro permite observar como o racismo estrutural se manifesta através da cultura popular e do humor televisivo. O uso de uma linguagem estereotipada e caricatural reforça essa imagem inferiorizada da negritude, naturalizando a subalternidade racial no imaginário coletivo, conforme discutido por Silvio Almeida (2019) no conceito de racismo estrutural.

Ao correlacionar o quadro com o conceito de racismo recreativo, discutido por Moreira (2019), percebe-se que o humor utilizado no programa é uma ferramenta eficaz para a propagação de estereótipos e a legitimação das hierarquias raciais. A piada final, em que uma voz interrompe o personagem chamando-o de “Frango de Macumba”, perpetua a associação dos negros com a marginalização e a violência simbólica. O riso que emerge dessa situação é construído sobre a desumanização do personagem, reforçando os estereótipos que subjagam os negros a papéis subalternos na sociedade. O riso, conforme apontado por Dahia (2008), serve como uma via para a consolidação do racismo, pois mascara a hostilidade racial sob o pretexto de descontração e diversão.

Além disso, a análise do episódio revela o papel da mídia na perpetuação desses estereótipos através de representações raciais que moldam a percepção pública sobre os

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=75UzDhHnJcU>. Acesso em: 27 out. 2024.

negros. Chartier (1990) argumenta que as representações culturais, especialmente na mídia, são forjadas por interesses de grupos dominantes e funcionam como um meio de consolidar essas estruturas de poder. No caso de Mussum, sua caracterização como o "malandro" e o "bêbado" reforça estereótipos históricos que vinculam a negritude à incapacidade, ao descontrole e à marginalidade. Essas imagens perpetuadas pela TV ajudam a manter uma visão estereotipada e negativa dos negros, perpetuando as desigualdades raciais.

A construção do riso através da ridicularização de características associadas à negritude contribui para a normalização das hierarquias raciais, promovendo a inferiorização dos negros na sociedade. Como destaca Pesavento (2005), as representações culturais são construídas historicamente para reforçar estruturas de poder, e no caso de Mussum, sua figura é usada como uma ferramenta para reafirmar o lugar subalterno do negro, disfarçado sob o véu do humor.

A análise dos esquetes envolvendo Mussum, em "Os Mecânicos" e "Mussum Frango de Macumba", revela como o racismo recreativo foi instrumentalizado na construção do humor televisivo. O riso se sustenta em um duplo sentido que reforça a inferiorização e a desumanização dos personagens negros, como discutido por Moreira (2019) e Silvio Almeida (2019).

A associação entre o termo "macaco" e a reação do personagem Mussum evidencia um mal-entendido que, embora aparente ser um engano cômico, reflete um discurso de dominação racial que alude a estereótipos negativos e subalternizantes. Esses esquetes oferecem, portanto, um material relevante para uma análise filmica sobre as estratégias de representação estereotipada dos negros na mídia, revelando uma herança de discriminação que se esconde sob a camada do entretenimento.

Dessa forma, o estudo desses episódios proporciona uma reflexão crítica sobre a persistência do racismo recreativo nas produções audiovisuais brasileiras, que continua a perpetuar estereótipos nocivos e desumanizantes. Conforme destacado por Chartier (1990) e Pesavento (2005), as representações culturais não apenas refletem as estruturas de poder, mas também as reforçam ao naturalizar hierarquias sociais. Tal reavaliação torna-se essencial para promover uma produção midiática inclusiva e sensível à diversidade racial, reduzindo a perpetuação de desigualdades sociais e contribuindo para um ambiente cultural mais equitativo e justo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mussum, personagem de grande notoriedade no campo humorístico da televisão brasileira, teve o acoplado de nuances do racismo recreativo nas produções audiovisuais de que participou. As análises conduzidas ao longo deste estudo revelam que a estereotipação e o racismo recreativo na construção do personagem Mussum em *Os Trapalhões* geraram consequências profundas para a representação dos negros na mídia brasileira.

O uso do humor como veículo para reforçar estereótipos negativos, como a associação de Mussum a imagens de descontrole, malandragem e subalternidade, perpetua uma visão inferiorizada da negritude. Essa forma de racismo, disfarçada de descontração, contribui para a marginalização dos negros, consolidando uma percepção pública que associa características físicas e culturais dos afrodescendentes a qualidades indesejáveis. Tal representação se naturaliza como parte da cultura popular, reforçando preconceitos e estabelecendo um padrão midiático que, mesmo quando velado, fortalece as hierarquias raciais.

A identificação das características e estereótipos atribuídos ao personagem Mussum permite observar como ele era constantemente associado a atributos que reforçavam a inferiorização dos negros, como a ideia de malandragem, o uso de expressões linguísticas estereotipadas e a associação de sua aparência com termos pejorativos. Esses elementos, mesmo quando apresentados de maneira atenuada, tornam-se formas recorrentes de retratar personagens negros de forma subalterna e caricatural.

A análise dos episódios evidencia como essa representação contribui para consolidar um imaginário social de inferioridade, onde os estereótipos se repetem ao longo do tempo, dificultando a construção de uma imagem mais digna e complexa da negritude. Ampliar o debate sobre o combate ao racismo recreativo nas produções audiovisuais brasileiras, portanto, implica questionar esses modelos representativos, incentivando uma criação audiovisual que valorize a diversidade e promova o respeito às identidades raciais, em vez de reforçar a marginalização.

Espera-se que este estudo sirva como um norteador para futuras pesquisas sobre a representação estereotipada e o racismo recreativo nas produções audiovisuais brasileiras, incentivando uma análise crítica mais aprofundada sobre o impacto dessas construções na perpetuação de desigualdades raciais. Ao destacar as implicações sociais e culturais do humor racializado, este trabalho visa promover um espaço de reflexão e diálogo que inspire novas

investigações acadêmicas voltadas para a desconstrução de estereótipos e a construção de uma mídia mais inclusiva e responsável.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- ARAUJO, Clecio Leonardo Mendes. A toxicidade do racismo recreativo em forma de brincadeira. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 14, n. 42, p. 464–468, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1353>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- BARONE, Eduarda Sepulchro et al. Personagens humorísticos brasileiros e o reforço a estereótipos racistas. In: *15º Congresso Internacional da Rede Unida*, 2022.
- BARROS, José D'Assunção. A história cultural francesa: caminhos de investigação. *Revista de História e Estudos Culturais*, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. Cinema e história: múltiplos aspectos de uma relação. *Revista Dispositiva*, v. 3, n. 1, 2014.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CABRAL, Éderson; PIRES, Vera Lúcia. Uma análise semiolinguística do esquete "Encontro". *Percursos Linguísticos*, v. 8, n. 18, p. 168-184, 2018.
- CARMELINO, Ana Cristina. Leitura, análise e produção de esquete: contribuições para o letramento crítico. In: *Literacia, media e cidadania: livro de atas do 3º congresso*. Portugal: CECS, 2015.
- CARRICO, André. *Os trapalhões: uma leitura da comédia popular brasileira*. Natal: EDUFRN, 2020.
- CAVALCANTE, Edson Rodrigues. *Mussum e os processos de subjetivação forjados pelo racismo recreativo: um olhar sobre a comédia trapalhona*. Teresina: UFPI, 2023.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- D'ALMEIDA, José Ricardo. O estereótipo do negro na telenovela Avenida Brasil. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suco da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013.
- DAHIA, Sandra Leal de Melo. A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 697-720, set./dez. 2008.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

- LIMA, Marcus E. O.; LEITE, Michelle de Farias. Conteúdo dos estereótipos e preconceito racial: efeitos da cordialidade e da competência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, Brasília, 2021.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia* (Natal), v. 9, p. 401-411, 2004.
- MATTOS, João Gabriel Aguiar Ferraz. *Lugares de negro, lugares de riso: o riso negro e suas agências entre cena cômica e social*. Brasília-DF, 2021.
- MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise filmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina*, v. 8, n. 2, 2014.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- OLIVEIRA, Gêisa Fernandes D'; VERGUEIRO, Waldomiro. Humor na televisão brasileira: o interessante e inusitado caso do programa *Os Trapalhões*. *Revista USP*, São Paulo, n. 88, p. 122-132, dez./fev. 2010-2011.
- PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: *VI Congresso SOPCOM*, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre análise filmica*. Campinas: Papyrus, 1994.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa*. São Paulo: Atlas, v. 34, p. 38, 2006.